

## MOTO-ESCOLA

Andréa Catrópa

Um cavalo doméstico, vermelho-faiscante, para que eu entregue minha carne à boca aberta desta cidade. Ele me espera imóvel na garagem. A ausência de roncões e relinchos me consterna. Ele não sabe nada, é só um bicho irresponsável. E, como tal, não se acanha. Foi feito para isso: girar a roda, esquentar o motor. Enquanto eu deveria ter um destino mais nobre do que ser desmontado, quebra-cabeças de ossos, pelo engenho de um carro.

Monto. Dou partida. Meu corpo é grande para se equilibrar em duas rodas. Reclama e seu protesto é um cambaleio, mas agora não há como. São todos velozes: não mais pessoas, mas funções. Todos devem chegar antes e mais rápido, obedecer ao sinal, sem paciência.

Abriu. O arranque tem que esbanjar potência. Meu cavalo manca. Ralho com ele. O ataque é a melhor defesa. Aqui não há espaço para aprendizes. Apenas é preciso chegar Sem atalhos ou picadas, atravessar a ponte de hostilidade e alcançar intacto o outro lado. Aparentemente intocado. Mesmo. Mas quem cruza a cidade resta como pura alteridade.

Ainda falta um pouco. Neste mar de insatisfação, só flutua quem mantém a calma. 152 quilômetros de congestionamento, o surfe sobre os trens. É preciso manter a calma. Subterrâneas sardinhas enlatadas, o sexo involuntário no corredor dos ônibus. É preciso manter a calma. É preciso não ver. Jogar amarrado nos trilhos o princípio cristão de amar ao próximo.

Somos os dois agora como um: eu e meu cavalo. Seus parafusos cravam em mim, estas veias alimentam seu tanque insaciável. Um ciclista hesita. Não sabe se consegue mudar de faixa. Avanço, impeço sua passagem. É o batismo deste ser híbrido, em total comunhão com as leis do asfalto. Meus dedos curvam-se como garras. Sou agora uma espécie de animal mitológico: meio equino, meio rapina.

As qualidades exigidas para este cargo são muitas. Vou buscá-las entre os feitos de heróis lendários. Só que o inimigo, agora, está dentro de nós. Por isso, nos tornamos tão indulgentes e acatamos como incontornáveis as batalhas diárias. Somos mônadas rijas, desmemoriadas. O lado motorista, em ação, não se lembra do lado pedestre. É assim, para superar o excesso que se torna falta. Entre muitos, o homem da multidão é solitário clichê. Um combatente na linha de tiro – precisa desviar, fugir, alcançar -, sem ninguém para ajudá-lo.

Nessa luta, também eu-cavalo-águia me canso. Preciso do abrigo úmido da



garagem, parar de rodar. Pisco o olho iluminado, sinalizo à direita. Freios acionados, esta lentidão atrasa os outros. Se pudessem, voariam aviões sobre nós ou nos esmagariam caminhões. Mas o acidente é sempre atraso. E toda a fauna da cidade, alinhada, coruscante, aguarda que eu me recolha. Sob ameaças e buzinas, a freada brusca por trás de mim, cavalo-águia, anuncia que o dever mecânico é um limite para esses animais. Conservação da espécie, determinismo barato: medo instintivo da interrupção do fluxo. É a própria ausência de humanidade que salva e entrega, intocado, este corpo-lataria de volta a sua baia.